REVISTA DIÁLOGOS EM EDUCAÇÃO

A SUBJETIVIDADE COMO DESAFIO METODOLÓGICO NA PESQUISA ANTROPOLÓGICA

SUBJECTIVITY AS A METHODOLOGIAL CHALLENCE IN ANTHROPOLIGICAL RESEARCH

Gleidson de Oliveira Moreira[1]

RESUMO: Não existe um início e um fim da pesquisa, mas um acabamento. É assim, caminhando para o segundo ano de doutorado, metade do caminho, que a disciplina ofertada pelo Programa de Pós–Graduação em Antropologia Social (PPGAS/UFG): Seminários Avançados em Antropologia Contemporânea, ministrada pelo professor Dr. Camilo Braz, sinalizou provocações metodológicas no sentido de me cartografar a partir da memória afetiva de minha avó materna, uma das muitas lavadeiras da cidade de Goiás, tema de minha tese. O objetivo deste texto é compreender a subjetividade como desafio metodológico na pesquisa antropológica, afinal além de pesquisador também sou neto da pesquisada.

PALAVRAS-CHAVE: Cartografias. Metodologia. Lavadeiras. Avó Materna. Goiás.

ABSTRACT: There is no beginning and end of the research, but a finish. It is thus, moving towards the second year of doctorate, half way, that the discipline offered by the Post-Graduate Program in Social Anthropology (PPGAS / UFG): "Advanced Seminars in Contemporary Anthropology", taught by Professor Dr. Camilo Braz, it signaled methodological provocations in the sense of mapping me from the affective memory of my maternal grandmother, one of the many washerwomen in the city of Goiás, the subject of my thesis. The objective of this text is to understand subjectivity as a methodological challenge in anthropological research, after all besides being a researcher, I am also the grandson of the researched one.

KEYWORDS: Cartographies. Methodology. Washerwomen. Maternal Grandmother. Goiás.

INTRODUÇÃO

O meu horizonte cultural é aquele de um empirismo de proximidade, do desvio a curta distância. Enquanto a maior parte dos antropólogos viaja para longe, enfrentando a descentralização geográfica e cultural, eu fui capturado pelo próximo. Diria que tenho aprendido a distanciar-me, mas, permanecendo no lugar. Mas quem sou? Como a alteridade opera nessa relação tão visceral entre ser neto pesquisador e uma avó lavadeira?

Se por um lado sou homem, letrado, mestiço, divorciado e professor, e, minha avó, mulher, iletrada, negra, viúva e lavadeira, percebo que estas escalas de identificação demarcam, mas não definem plenamente, nossas relações de alteridade, pois é no acabamento

[1]Graduado e Mestre em História pela UFG e Doutorando em Antropologia Social pela UFG. Professor da Faculdade de Anicuns. E-mail: kareminus@gmail.com

dessa pesquisa que a subjetividade é atravessada, transcende a relação pesquisador e "objeto". Refiro-me ao jogo de relações criadas ao longo da vida, neste caso, pelas memórias de minha avó e as experiências incorporadas pelo ofício de lavadeira.

Concebo a sua história de vida à territorialidade da memória, a minha e a dela, um campo para diversos dilemas e desafios metodológicos no qual o seu protagonismo, por meio de depoimentos, pode ir além de mera fonte para estudo acadêmico.

Extrair para esse texto algumas das experiências me possibilita pensar uma forma de insurgência dessa agente a partir de uma rede de alianças formada com outras lavadeiras em um jogo de poderes que paira sobre elas (FANON, 2008), afinal, conhecer também implica formas políticas, bem como ao explicar para quem lavavam evidencia relações de gênero, de poderes, que não são de mão única, podem limitar a densidade da vida ao recorte imposto pela escrita. Logo, como lidar com o recorte de experiências de minha avó a partir da escrita? Como a produção escrita desempenha importância metodológica na pesquisa?

Diante essa perspectiva, o da autoridade da escrita, lembramos Edward Said (1990), que dirá:

> Não há nada de misterioso ou de natural nessa autoridade, afinal é formada, irradiada, disseminada; é instrumental, é persuasiva; tem posição, estabelece padrões de gosto e valor; é virtualmente indistinguível de certas ideias que dignifica como verdadeiras, e acima de tudo deve ser analisada, os atributos da autoridade da escrita pode ser uma estratégia para dar voz aos subalternizados, porém tomando-se o cuidado para não serem colonizadas pelo pesquisador. (SAID, 1990, p.76)

Para Clifford (1998), assim como para Said (1990) o campo etnográfico permanece como um método notadamente sensível, uma vez que a escrita inclui, no mínimo, uma tradução da experiência para a forma textual, uma ação de múltiplas subjetividades e constrangimentos políticos que estão acima do controle do escritor.

Se os principais dispositivos metodológicos para o estudo da autoridade da escrita é o que se pode chamar localização estratégica, isto é o modo de descrever a posição do autor em relação ao pesquisado, o texto, o estilo de escrita, o gênero textual bem como o uso dessa estratégia, servirá como lente interpretativa para o subalternizado, mas não como resolução a sua condição.

Segundo Spivak (2010) o poder do subalterno fala para além do que queremos ver no observado, mas naquilo que ele é e, por isso, há quase quatro décadas raros são os trabalhos referentes a elas, o que reforça a necessidade da escrita como um lugar para o não esquecimento, um lugar de resistência. Então uma saída para que o intelectual possa mobilizar o seu lugar na pesquisa talvez seja a produção da escrita como espaço para que as vozes dos subalternos possam reverberar (SPIVAK, 2010, p.33).

Se o discurso social dotou as lavadeiras da condição de sujeitos indizíveis e inaudíveis, esta visão cumpre uma função simultânea, a de vulnerabilidade social que as invisibilizou. Embora excluídas pelo discurso de uma sociedade abastada, o trabalho realizado por elas as tornou imprescindíveis para o controle asséptico dos corpos (gênero, sexualidade, idade), expressões representativas para os espaços sociais ocupados por diversos grupos (agentes públicos – políticos, religiosos, médicos, engenheiros, militares e/ou privados) – ligados às famílias privilegiadas; todos vestidos com roupas limpas embora detentores de corpos sujos[2].

Como se percebe, a ressignificação social do discurso das lavadeiras acabou imputando-as à condição de mulheres subalternizadas, um quadro desafiador ao olhar

[2] Não era costume na Cidade de Goiás, a prática do banho entre pessoas das camadas abastadas. Vestir corpos sujos com roupas limpas era um costume assim como não era comum lavar roupas novas evitando puí-las (desgaste do tecido), lavando apenas as roupas velhas. (Grifo meu).

antropológico. Como bem disse Jacques Derrida, mencionado por José Jorge Carvalho (2001).

> O olhar etnográfico foi resultado de um deslocamento ocorrido no interior da visão do mundo ocidental (...), um dos efeitos epistemológicos de consequências políticas mais profundas desse descentramento foi a separação dos olhares dos sujeitos construídos entre o olhar do etnógrafo (civilizado) e o do nativo (o primitivo), cujas naturezas pareciam, na perspectiva de quem olhava, intercambiáveis analiticamente, ao mesmo tempo que existencialmente incomensuráveis. Para a abordagem em questão, o da autoridade da escrita como expressão metodológica, a pergunta é: como olha o nativo, a minha avó, a partir de minha autoridade pela escrita, o seu neto pesquisador? (CARVALHO, 2001, p. 110).

No entorno do olhar "natural", partimos do pressuposto de que a hermenêutica que minha avó detém possui limites bem definidos. Embora eu não seja negro, mas mestiço, tampouco lavadeira, a minha etnologia é etnocêntrica justificada pelo meu letramento, uma autoridade da escrita lutando contra o etnocentrismo. Essa visão, o da autoridade da escrita é capaz de construir uma imagem diante o resto do mundo como sendo portador de uma cultura sem aspas, capaz de realizar um movimento de quase abertura quando pensar o auto-descentramento (CARNEIRO DA CUNHA, 2009. p. 54).

Pensar a minha auto declaração sustentada no argumento de que a lavadeira constrói sua alteridade segundo o modo como retruca, do seu lugar de existência, o olhar do colonizador sobre si, também me inscreve nesse contexto, uma vez que de pesquisador passo a objeto observado, no sentido de ser um neto curioso.

Se o tema da subalternidade descortina um panorama teórico de metáforas visuais de grande complexidade, a tentativa em decompor possibilidades interpretativas, sejam estas frontais, contíguas, coladas, difusas, invertidas, enviesadas, cruzadas, paralelas, essa correspondência fortalece uma autoridade etnográfica. Não cabe aqui elaborar uma exaustiva sequência histórica de olhares, mas momentos marcantes na dimensão do olhar humano de minha avó.

Um momento emblemático que exerceu papel importante na mediação analítica entre esse olhar nativo e as condições para o meu olhar etnógrafo está sustentada na iniciativa inspiradora de alunos de pós-graduação em Antropologia da USP quando organizaram e publicação do volume A Antropologia e seus Espelhos em 1996, mas divulgado em 1994. Nele falaram os nativos: pais-de-santo, índios, capoeiristas, líderes sindicais, feministas, todos interessados em desenvolver um olhar de autoridade, do saber moderno deslocado, da Europa e dos Estados Unidos para o Brasil.

Essa devolução pós-colonial produziu uma série de textos ricos, cheios de interesses e originais. Entre outras coisas, eles nos convidam a refletir sobre a baixíssima presença, em nossos cursos de pós-graduação, de negros, índios ou de descendentes diretos e, em geral, de estudantes oriundos das classes menos favorecidas da população.

Refratária ao questionamento sobre o seu lugar clássico, similar ao acima mencionado, de autoridade inconteste e de presença acrítica à elite social do país, os organizadores do volume Antropologia e seus Espelhos possibilitam uma análise política provocada pela derivação de críticas calcadas na construção de identidades – raciais, étnicas, de gênero as quais ocupam lugar na agenda teórica de praticamente toda a Antropologia de países desenvolvidos.

Diante do dilema dos múltiplos olhares enfrentados por uma etnografia vista pelos observados frente à Antropologia tradicionalista, percebi que além de transformar a antropologia em arena onde se confrontam valores, e não mais como disseminação ou

adaptação de um determinado valor elaborado em um redefinido momento histórico, uma nova gramática lança mão em alertar para o perigo em aceitar o registro pelo estereótipo.

Escalonar o perfil do etnografado é incorrer o risco de tratá-los sem levar em conta as diferenças. Falar da minha avó requer entender o seu lugar de vivência, de fala, o que me permite entender a sua identificação como indivíduo atravessado por fluxos vitais. (INGOLD, 2012, p. 37)

Ao iniciar o processo de escrita desse artigo para a disciplina, "Seminários Avançados em Antropologia Contemporânea", que em meio a relatos, narrativas, conceitos, frustrações e desejos que passo a me perguntar: o que esse material recolhido durante minha convivência me diz? De que maneira posso organizá-lo? Como dar sentido a essa experiência encharcada por tantas intensidades, temporalidades e subjetividades? Como trazê-las para circular nessa escrita? Que repertórios levar em conta para propor uma direção a esse texto?

Enfim, o modo de estruturar este texto é uma junção de saberes e vivências que são configurados no incessante ir e vir de um esboço que se faz em papel branco onde o traçado, ora mais intenso, ora mais suave, se mostra à medida que o desenho vai tomando forma. É no fazer e no refletir sobre esse fazer que o pensamento se constitui, institui e se materializa, onde uma forma chama outra, seja pela semelhança, seja pelo contraste.

Mesmo tendo um esboço para esse texto, ao lidar com os materiais da pesquisa e seus inúmeros prolongamentos, ora enfatizando, ora excluindo alguns acontecimentos, vou construindo esse texto em torno de outras narrativas sinalizadas por rastros das memórias de minha avó. Portanto, além de entendê-la como uma construção parcial, marcada por um determinado ponto de vista, não tenho a intenção de apreender sua totalidade, mas apenas apresentar uma demarcação conceitual dentre tantas possíveis.

Na formulação de meus objetivos de pesquisa, por ocasião de elaboração do projeto de doutoramento, esbocei o desejo de construir uma cartografia afetiva para abarcar a vontade de me aproximar de uma avó que eu só conhecia por meio de colo e afeto, mas que se apresentava de outros modos à medida que fui encontrando cânticos, orações, e histórias de lavadeiras com minha mãe, uma sua ajudante na lavação. Quando comecei esse texto, um momento presente carregado de uma história anterior me provocou, o de um território portador de uma espessura processual (KASTRUP, 2008).

A espessura processual é tudo aquilo que impede que o território seja um meio ambiente composto de formas a serem representadas ou de informações a serem coletadas. Em outras palavras, o território espesso contrasta com a rasura dos meios informacionais que nunca conseguem abarcar a totalidade daquilo que o movimento cotidiano sugere. É por essa razão que a representação redutível que nega a complexidade, herança do pensamento produzido pela ciência moderna, foi evitada nesse processo que passo a descrever.

Então você pretende fazer a representação das lavadeiras a partir da memória afetiva de sua avó? - perguntou-me uma interlocutora depois que apresentei um texto em um colóquio acadêmico (Entrelinhas PPGAS/UFG). Apesar de o meu interesse residir no mapeamento afetivo em torno da figura de minha avó, minha pesquisa não busca uma resposta verdadeira, muito menos uma dada realidade, mas antes, destacar diferentes interpretações de realidade construindo uma memória experiencial e relacional. Apesar da singularidade da experiência ela também produz diferenças, heterogeneidades e pluralidades numa dimensão de incerteza, numa abertura rumo ao desconhecido.

Vinculado à ideia de uma filosofia da diferença, o pensamento de Deleuze, do qual me aproximo, se contrapõe ao pensamento da representação. Ou seja, aceitar os pensamentos múltiplos e a subjetividade de cada discurso contribui para a construção da diferença como tal, sem submetê-la a nenhuma forma de representação que a reconduza ao mesmo. "O mimetismo é um conceito muito ruim, dependente de uma lógica binária, para fenômenos de natureza totalmente diferente." (DELEUZE, 2011, p. 27).

Para Deleuze não há matéria fixa e imutável. A dialética matéria-forma é substituída pela conexão dinâmica do suporte numa busca incessante por singularidades. Esse pensamento se conecta com um reconhecimento mútuo – entre diferentes – da autoridade de sujeitos sobre seus discursos. Trocando em miúdos, a construção de objetos complexos e singulares depende de pressupostos complexos e singulares assumidos pelos sujeitos que os constroem, e não do objeto em si. Nas palavras de Versiani,

> A manutenção da perspectiva do texto como representação destrói, no meu entender, o potencial transformador do texto, uma vez que representar, ou melhor, re-apresentar pressupõe a permanência e a imobilidade diacrônica dos conteúdos relacionados ao texto, um pressuposto que desconsidera as variadas e variantes operações construtivas de seus eventuais leitores. (VERSIANI. 2005, p. 114).

O que está em jogo nesta relação não são as diferenças pelas diferenças, mas as experiências que elas possibilitam. Desponta aqui, para além dos embates entre os discursos acadêmicos, a figura de um pesquisador autorreflexivo que enxerga o valor das condições subjetivas do conhecimento, não como relativismo cultural, mas como abertura para o estabelecimento de novos territórios no próprio fazer científico. Diante dessa noção, outras questões têm surgido para orientar a demarcação que proponho a seguir: Qual o meu papel dentro dessa pesquisa? Quais posicionamentos eu preciso assumir para continuar esse processo? E o que significa continuar? Como? Para onde?

Minha escrita, concebida aqui como um lugar de entrecruzamentos, me possibilita colocar o foco naquilo que se torna experiência que me ensina sobre mim mesmo e os lugares onde atuo. Um espaço de aprendizagem sobre o meu contexto que, ao construir as próprias narrativas, busca criar para mim um lugar.

PESQUISAR O OUTRO: UM MOVIMENTO CARTOGRÁFICO

No corpo a corpo desse embate processual, penso em aproximar meu trabalho de uma perspectiva cartográfica, cuja afinação é orientada por uma investigação de processos e movimentos em curso, nos quais o pesquisador, também atuando como um cartógrafo, começa pelo meio, entre pulsações. Lançado também em uma deriva feita de desvios e reconfigurações, o método cartográfico pressupõe que a perda momentânea de rumo não é necessariamente indício de inconsistências ou de despreparo do pesquisador, pois reconhece que a atividade de investigação envolve sempre, em certa medida, o "desmanchamento" e o redesenho do campo problemático.

Assim como o reflexo de águas em constante movimento, a cartografia sugere um fluxo permanente, um devir, um tornar-se, um vir-a-ser. E assim, mesmo sem qualquer certeza daquilo que irá provocar o reflexo dessa paisagem flutuante, a travessia é conduzida, primeiramente, por uma vontade de continuar e só, posteriormente, por uma abordagem moldada a partir das questões que se apresentam diante do pesquisador.

Trata-se aqui de um aprendizado da própria atenção ao presente vivo que é suscitada pela experiência da pesquisa, que assume aqui uma dimensão do ouvir – ouvir porque diz respeito aos processos de internalização da realidade. Ora, a atenção é como um músculo que, pelo exercício, produz regimes atencionais distintos e variados. Muitas vezes impera nas subjetividades a atenção recognitiva, mobilizada por interesses prévios e expectativas do pesquisador. O desafio é suspender sua hegemonia, em favor da atenção ao presente vivo das forças do território da pesquisa. Às vezes difícil no início, a atenção cartográfica vem a se

tornar mais facilmente atualizada com a prática continuada, constituindo uma atitude cognitiva que cria condições propícias à prática da cartografia. (KASTRUP, 2015, p. 47).

Espera-se que o cartógrafo perceba – no sentido específico da sensibilidade mundos –, configurações territoriais da existência, efemeridades e transitoriedades por vezes bem distintas daquelas que fazem parte do seu próprio repertório. Virgínia Kastrup, ao tratar das especificidades do método cartográfico, fala em atenção sensível (KASTRUP, 2007, p. 49). E, ainda mais, descreve como característica da prática cartográfica uma espécie de "acionamento no nível das sensações" (KASTRUP, 2007, p. 42).

Aguçar minha própria atenção possibilitou o exercício de perceber como me coloco diante daquilo que não conheço e daquilo que me parece estranho, contrário às crenças, gostos e preferências que carrego. Como lidar com os próprios limites daquilo que se conhece? Como fazer diferente da forma que se aprendeu? Lançar mão do método cartográfico é também uma aposta na transdisciplinaridade como potência para provocar interlocuções que abalam os limites entre os saberes e as teorias, entre os sujeitos do conhecimento e os "objetos" a serem conhecidos.

Método proposto por Deleuze (2011), a cartografia é utilizada em pesquisas de campo voltadas para o estudo da subjetividade e se apresenta como valiosa ferramenta de investigação, exatamente por abarcar a complexidade, zona de indeterminação que a acompanha, colocando problemas, investigando o coletivo de forças em cada situação. Contudo, mais que procedimentos metodológicos delimitados, a cartografia é um modo de conceber a pesquisa e o encontro do pesquisador com o seu campo.

Nesta noção metodológica, teoria se faz juntamente com as paisagens cuja transformação o/a pesquisadora acompanha. A cartografia acontece como um dispositivo, pois, no encontro do pesquisador com seu "objeto", diversas forças estão presentes, fazendo com que ambos não sejam mais aquilo que eram.

Nesse sentido, quando se termina uma etapa, passa-se à próxima sem que se tenha muito tempo de deixar as reverberações da etapa posterior atuarem nas seguintes. O que não é o caso aqui, uma vez que o encontro com as narrativas de minha avó na condição de lavadeira deu conta de outras modulações sem que se perdesse um movimento iniciado lá atrás, o da avó não lavadeira.

Embora abertos e flexíveis, os questionamentos que têm me ajudado no delineamento dessa pesquisa servem como referência, como oportunidade de calibragem durante o percurso da investigação. Um dos ajustes iniciais nasceu quando, ao colocar minha atenção nas narrativas da lavadeira, comecei a motivar minha mãe a contar histórias da época em que também era ajudante dela. Ao indagá-la sobre quando e porque começaram a lavar roupas, ela me apresentou uma faceta desconhecida.

> Foi a sua tia avó quem indicou a sua avó a lavação de roupas a algumas famílias na cidade de Goiás. As dificuldades financeiras eram muitas, eu pequena e órfã de pai. Acho que foi em 1965. Eu devia ter uns 10 anos. Sua avó levantada as 5 da manhã, apanhava as malas de roupas e íamos para o córrego Mane Gomes, de lá só saiamos as 19 horas, depois de ensaboar, quarar, enxaguar, torcer e secar roupas de homem, mulher e crianças. Tínhamos que ir bem cedo para fazer o aguadouro (poço), no córrego e escolher o melhor batedouro, era uma vida difícil...na hora do almoço, nós que já tínhamos preparado a comida, fazíamos a refeição ali mesmo. (Nota de campo: Maria Benedita de Oliveira Moreira, 2017).

Em seu depoimento acerca da história da minha avó, minha mãe fez uma revelação que me surpreendeu: de que minha avó também tinha sido quitandeira. Minhas memórias afetivas em torno dessa avó estavam sempre vinculadas ao ideário da mulher do campo, e ao saber desse dado novo, abriram-se fendas que ventilaram outros devaneios e,

consequentemente, outras possibilidades narrativas: Quais outras facetas dessa avó eu desconhecia? O que as memórias em torno dela revelavam? E ainda, o que elas também escondiam?

O movimento cartográfico me afasta dos arranjos de informações que já estejam atrelados a um sistema-modelo. Ao contrário, o processo de movimentação do cartógrafo indica uma processualidade porque valoriza a rede de forças ao qual o fenômeno estudado já está conectado. Isso indica um movimento dinâmico e permanente onde as regras se tornam pistas na intenção de compor mapas provisórios. Está claro que não parto do zero, mas também é evidente que nem tudo é vago e abstrato. Como encaminhar a pesquisa?

Dentro das narrativas acerca das habilidades de minha avó, surgiu também um encontro com a lavadeira a partir de um artefato, o sabão de bola feito por ela, mas que pertence ao oficio de imemoriáveis outras lavadeiras, o ponto de conexão de diferentes temporalidades e subjetividades. O contato direto com uma série de fontes – receitas de sabão de bola, de quitandas – convocou minha atenção para a trajetória social e histórica desses objetos por acumular elementos simbólicos e históricos dessa circulação.

O significado das coisas está contido, não necessariamente em suas formas, mas nos modos como nos relacionamos com elas e, sobretudo, nas diversas posições sociais que ocupam em nossas trajetórias e vidas. Tal visão implica desviarmos a atenção acerca da maneira como os significados dos objetos são construídos ou representados socialmente para o modo como os objetos são determinantes na vida diária, de forma que não podemos mais negar que os objetos sejam também possuidores de uma vida social.

Como sugere Appadurai (2008) as coisas, assim como as pessoas, possuem uma biografia cultural e social: "A biografia é apropriada para coisas especificas, enquanto passam por mãos, contextos e usos diferentes, acumulando, assim, uma biografia específica ou um conjunto de biografias" (APPADURAI, 2008, p. 35).

Deleuze explicita que "temos encontros com coisas, antes de tê-lós com pessoas", pois eles podem acontecer de diversas formas, por meio de um objeto, uma carta, uma poesia, uma obra, uma fotografia, uma música; todas podem ter potência problematizadora, desestabilizadora e inventiva, fazendo-nos vislumbrar outras possibilidades pelo caminho. (DELEUZE,1988, p. 13). Para este autor, "todo objeto, ação ou discurso é susceptível de aliar-se com a biografia de alguém para produzir uma experiência, que pode ser estética ou não, mas que em todo o caso, afeta a criação em si" (idem, p. 179).

Tenho as memórias afetivas de minha avó, uma lavadeira e uma experiência de pesquisa latente que me permite falar sobre o que eu vejo e como me vejo. A atenção mobilizada pelo cartógrafo nesse trabalho pode ser uma via para o entendimento de uma atitude cognitiva na qual há uma concentração focada. O desafio é evitar que predomine a busca de informação para que então o cartógrafo possa abrir-se ao encontro.

Proveniente de proposições narrativas, o encontro com aqueles objetos (receitas e sabão de bola), além de pressupor uma política de narratividade, me impregna as intensidades dos afetos que eu atribuo à lembrança vívida da minha avó que se apresenta para mim de outro lugar. Deixar-se afetar por narrativas deflagradas por objetos é também assumir uma observação crítica acerca das circunstâncias em que se dá essa relação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Logo, interessam as narrativas evocadas e relatadas pelos sujeitos da pesquisa ao confrontarem suas experiências com as memórias de minha avó que também constituem outras visualidades das lavadeiras. Ao construir sua narrativa pessoal, o ser humano pensa-se

por meio de imagens e, portanto, as narrativas alavancam uma movimentação diferenciada no modo como nos relacionamos com as coisas. Em suas considerações acerca dos estudos dos Sentidos do Sertão, Lima (2011) propõe uma nova forma de nos relacionarmos com as visualidades tramadas às narrativas.

A questão recorrente "o que essa imagem quer dizer" parece não conseguir abarcar a complexidade dos circuitos aos quais essas visualidades estão atreladas. Os apontamentos do autor sinalizam uma ampliação dessas questões para "o que eu digo sobre essa imagem?" ou, ainda, "o que essa imagem diz de mim?" e "o que eu produzo a partir/para além dela?".

Deixar-se visitar por esses questionamentos é movimentar-se em direção ao território do inusitado e isso só é possível quando nos permitimos estar abertos a ver o que não imaginamos, o que não conhecemos, o que não queremos, o que não acreditamos, o que não necessitamos, o que não apreciamos, o que está no entre lugar (LIMA, 2011, p. 33).

Temos a tendência em desativar essas forças que nos colocam em situações de risco, sufocando nossos estranhamentos. Por isso, acabamos impedindo e neutralizando qualquer "escuta" que venha nos desacomodar. O receio de nos aventurar em direção ao desconhecido contribui para que venhamos a reduzir tudo à nossa imagem, favorecendo que muitos encontros passem a não acontecer. Durante o período de planejamento e escrita deste texto comecei a me perguntar como evitar essa redução?

Minha intenção na disciplina: Seminários Avançados em Antropologia Contemporânea foi perceber por meio da experiência, do deixar vir e ouvir o outro, constituir "modos de existência ou modelos de ação dentro da realidade existente" (CLIFFORD, 2008, p. 40).

Foram essas reflexões que me convocaram a pensar a composição para o trabalho de campo: além da minha mãe e minha avó materna, quem mais deveria escutar? Que outros lugares eu deveria visitar? Para continuar essa demarcação seguindo o fluxo no qual já estou inserido desde o meu nascimento, considero abrir espaços de interlocução para a construção de uma rede investigativa cujo desenho irei construindo aos poucos com uma delimitação de um grupo previamente agendado para acompanhar.

Deixar-me guiar pelos encontros sem necessariamente delimitá-los antecipadamente. Ou seja, a observação participante aludida pela experiência etnográfica de James Clifford, com as narrativas de minha avó vai me levando até outras lavadeiras, mulheres guardadas em objetos que espero encontrar, objetos que me farão entrar em contato com outras narrativas talvez de minha própria avó, como as memórias da minha mãe.

Haveria nas histórias da minha mãe algum vestígio para onde eu deveria olhar/movimentar e confiei que, mesmo sem a certeza da próxima etapa, continuar me levaria a alguma outra evidência. Em grande parte, essa decisão também nasceu do desejo em atribuir um movimento de deriva a esse processo. Assim, o percurso e o mapa se delineiam a partir desta mesma lógica, num compartilhamento sistêmico e integrado de comunicação e de informação - compreendida como significação em rede.

Confio que as contribuições obtidas nesta disciplina possam acionar um modo de tecer uma rede onde um ponto me levasse a outro, bastando, para tanto, ajustar minha escuta e considerar os atravessamentos, as afecções, os afetos, no qual o outro ponto seja eu, uma ressonância no qual o conhecer não está apenas no saber ouvir ou ser afetado pelo que vejo, mas num mergulho para dentro da malha dos agenciamentos que emergem entre sujeito e "objeto" o que depende do acompanhamento dos rastros que sugerem os traços por onde circulam as narrativas, suas intensidades que me permitem construir com o outro.

REFERÊNCIAS:

APPADURAI, Arjun. **Introdução – mercadorias e a política do valor**. In: A vida social das coisas. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Obras Escolhidas v. 1. Belo Horizonte: Brasiliense, 2012.

CARVALHO, José Jorge de. **O olhar etnográfico e a voz subalterna**. **Horizontes Antropológicos**., Jul 2001, vol.7, nº15, p.107-147.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. "Cultura" e cultura: conhecimentos tradicionais e direitos intelectuais. In: **Cultura com aspas e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2009. p.311-373.

CARVALHO, J. M. Do projeto às estratégias/táticas de professores como profissionais necessários aos espaços/tempos da escola pública. In: CARVALHO, J. M. **Diferentes perspectivas da profissão docente na atualidade** (Org.). Vitória, EDUFES, 2004. p.10-44.

CLIFFORD, James. Sobre a Autoridade Etnográfica. CLIFFORD, J. *A* **experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, Vol. 1, São Paulo: Ed. 34, 2011.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

HALL, Stuart. 2003. A Questão Multicultural; Quando foi o pós-colonial? Pensando no limite; Estudos Culturais e Seu legado Teórico. HALL, S. **Da Diáspora: Identidade e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: Editora da UFMG/Brasília: UNESCO.

INGOLD, Timothy. **Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. Horizontes Antropológicos.** Porto Alegre, v.18, n.37, p.25-44, jun.2012.

KASTRUP, V. O método da cartografia e os quatro níveis da pesquisa - intervenção. In: CASTRO, L. R. de; BESSET, V. L. (Orgs.). **Pesquisa - intervenção na infância e juventude**. Rio de Janeiro: Nau, 2008, p. 465-489.

LIMA, Roberto. Três nós. In: Sena, Custódia Selma.; **Sentidos do Sertão**. Goiânia: Cânone Editorial, 2011.

LOPES, D. **A delicadeza: estética, experiência e paisagens**. Brasília: Editora Universidade de Brasília: Finatec, 2002.

SAID, Edward. **O orientalismo: O oriente como invenção do Ocidente**. Cia das Letras. S.P. 1990.

SILVA, Vagner Gonçalves et.al. **Antropologia e seus Espelhos – A etnografia vista pelos observados**. São Paulo: USP, 1994.

SPIVAK, Gaiatry. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte. UFMG, 2010. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa.

VERSIANI, D. **Autoetnografias: conceitos alternativos em construção**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2005.